



Aos domingos, quando a gente entrava na igreja, já sabia: os grandes ficavam lá dentro, enquanto nós corríamos para o salão do fundo. Lá éramos separados por idade. Quem era pequeno ia para a sala dos pequenos; quem tinha de cinco a sete anos ia para outra sala; os de sete a nove, para outra classe, e assim por diante. Mas primeiro ficava todo mundo junto, brincando de cabra-cega, passa-anel e outras brincadeiras legais. A gente também cantava, só que uns ficavam mudos e outros se esgoelavam.

Depois de algum tempo, a gente ia para as classes, cada turma com sua professora ou seu professor. A nossa aula de domingo começava sempre com uma oração.

A professora iniciava e pedia que a gente continuasse, podendo falar o que quisesse: agradecer, pedir, as duas coisas juntas ou separadas.

Naquele dia, uma professora havia faltado e todas as crianças da sala dela tinham ido para a nossa classe. Não cabia nem mais um mosquito na sala. Nem voando.

Todo mundo dizia que a nossa professora era brava e chata e que mandava estudar um monte de coisas. Assim que ela acabou a oração, pediu que minha irmã, Joana, continuasse. Ela começou. Foi mais ou menos assim:

– Agradeço, Deus, a semana que eu tive. Obrigada pelo nosso alimento e por ter feito com que meu avô melhorasse. Fica com a gente nesta semana que começa. Amém.

Quando a Joana acabou, ficamos esperando pelo seguinte. Quem estava ao lado dela era o Marcos, que tinha a mesma idade que eu, só que sempre ficava na classe dos menores, com o irmão dele. Tinha criança que era assim mesmo. Grudava num irmão mais novo ou mais velho e entrava na classe dele e não saía mais. Comigo e com a Joana era diferente... somos gêmeos, então estamos sempre na mesma classe. Bom, acontece que na escola diziam que o Marcos demorava mais que os outros para aprender as lições.

